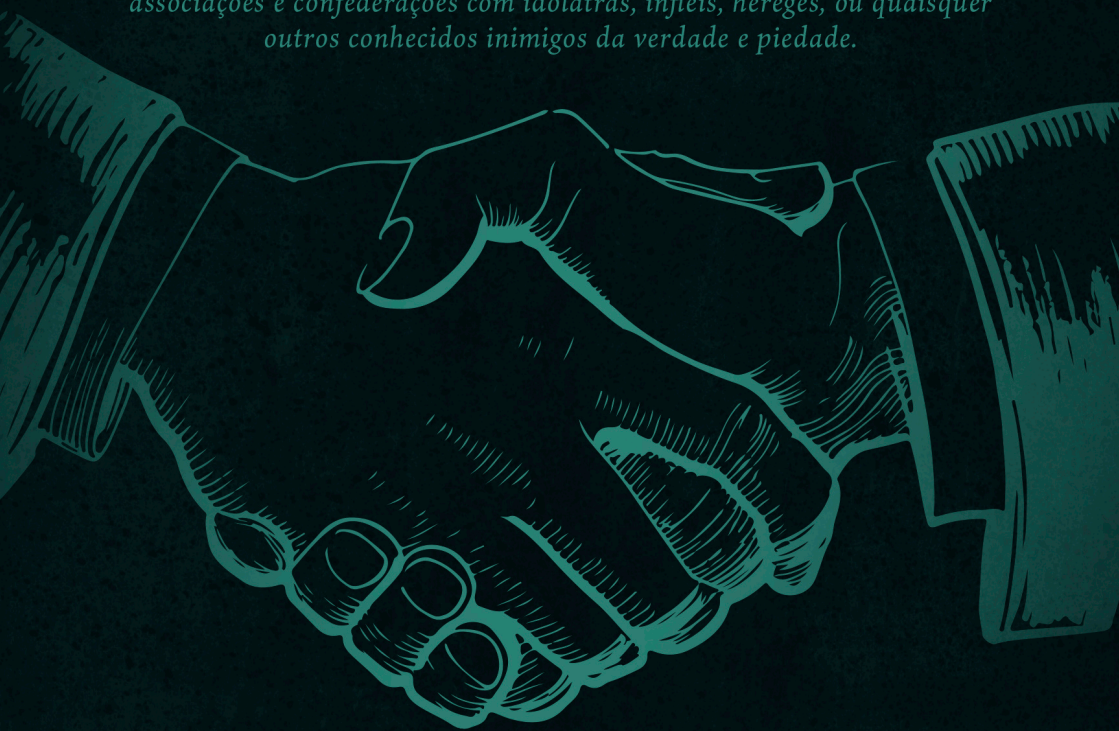


# Associações Voluntárias

*Um útil caso de consciência, discutido e resolvido, concernente às associações e confederações com idólatras, infieis, hereges, ou quaisquer outros conhecidos inimigos da verdade e piedade.*



Rev. George Gillespie





---

Incentivamos qualquer tipo de divulgação deste material. A verdade não é propriedade de homem algum, e, portanto, não deve ter a sua circulação restringida.

*“De graça recebestes, de graça dai”.*

Mateus 10.8

---

**Título:**

Associações Voluntárias  
*1ª Edição - Setembro de 2020*

**Autor:**

George Gillespie

**Título Original:**

An Usefull Case of Conscience Discussed and Resolved,  
Concerning Associations and Confederacies with Idolaters,  
Infidels, Hereticks or Any Other Known Enemies of Truth  
and Godliness  
- 1649 -

# Índice

---

<b>O Prefácio</b> .....	5
<b>Capítulo I:</b> <i>Um útil caso de consciência, discutido e resolvido, concernente às associações e confederações com idólatras, infiéis, hereges, ou quaisquer outros conhecidos inimigos da verdade e piedade</i> .....	7
<b>Capítulo II:</b> <i>Ao justo Reverendo, a Comissão da Assembleia Geral</i> .....	36
<b>Capítulo III:</b> <i>O testemunho do Sr. George Gillespie contra a associação e complacência com os inimigos malignos da verdade e piedade; escrito dois dias antes da sua morte</i> .....	41
<b>Capítulo IV:</b> <i>Segue-se essa parte do Testamento Particular do Sr. Gillespie, a qual o testemunho anterior relata</i> .....	45
<b>Anexo:</b> <i>Sobre Associações Voluntárias por Martin Bucer</i> .....	47



# PREFÁCIO

A seguinte questão e caso de consciência (como manejada e resolvida pelo Sr. *Gillespie* em alguns sermões dados por ele no período da trama da recente guerra contra o reino da *Inglaterra*, sendo mui desejados por muitos que o ouviram, para que fossem de uso público, por muitos que o ouviram), finalmente cedida pelo autor pouco antes de sua morte. Seus amigos creram que fosse necessário publicar o mesmo, com estes testemunhos, nos quais ele selou essa verdade aqui contida, tanto no período da sua doença, quanto imediatamente antes da sua morte.



# **Um útil caso de Consciência, discutido e resolvido, concernente às associações e confederações com *Idólatras, Infiéis, Hereges,* ou quaisquer outros conhecidos Inimigos da Verdade e da Piedade.**

Enquanto eu tomo ocasião para falar dos pactos dos homens, não será inútil falar algo quanto a questão tão debatida entre os teólogos, assim como entre políticos e juristas: se uma confederação e associação com os ímpios, ou aqueles que são de outra religião, são lícitas ou não. Para responder a isso brevemente, devemos distinguir: 1) pactos civis, 2) pactos eclesiásticos, sagrados ou religiosos, 3) pactos mistos, em parte civis, em parte religiosos. Os dois últimos, sendo feitos com homens ímpios e com aqueles que se diferem de nossa religião, eu sustento que seja ilícito, assim como dizem os melhores escritores<sup>1</sup>. Quando os israelitas são proibidos de fazerem um pacto com os cananeus, uma menção especial é feita quanto aos seus deuses, altares e imagens (Êx. 23.32 e 34.13, 14; Jz. 2.2), para que tal culto supersticioso e ilícito não fosse tolerado. Quanto aos pactos civis, caso eles sejam para comércio ou paz, os quais eram chamados de *σπονδα*, são permitidos, conforme às Escrituras (Gn. 14.13; 31.44; 1 Rs. 5.12; Jr. 29.7; Rm. 12.18). Este tipo de pacto foi feito pelos *venezianos*

---

1 - Zeperus de pol. Mos. lib. 6, cap. 4; Pelargus em Dt. 7.1-3; Pereus em Gn. 14; Rivetus em Ex. 23.32; Tarnovius trac. de faederibus.



para com os *turcos*, por causa da proximidade local. Este pacto também foi feito, em alguns momentos, pelos antigos imperadores cristãos para com os *pagãos*. Foi por causa da quebra de um pacto civil de paz com a *Turquia* que Deus puniu, de modo exemplar, a *Vladislau*, Rei da *Hungria*. Contudo, se o pacto civil for tal como o pacto com os *gregos*, o qual chama-se *συμμαχια*, para unir-se nas expedições militares, sobre este há um grande e controverso debate entre os escritores. De minha parte, sustento ser ilícito, juntamente com diversos bons autores<sup>2</sup>. Eu creio que Deus não somente proíbe pactos religiosos com os *cananeus* (Êx. 34), mas até mesmo os pactos civis (v.12) e os pactos conjugais (v.16). O que é também a opinião de *Junius*, na sua análise desta passagem. A razão da ilicitude de tais confederações são extraídas:

1) Da Lei (Êx. 23.32 e 34.12, 15; Dt. 7.2). Sim, Deus faz disso uma estipulação e condição principal da parte deles, quando Ele faz um Pacto com eles (Êx. 34.10; Jz. 2.1, 2); e, para que não se pense que isso se refere somente àquelas sete nações enumeradas (Dt. 7), a mesma Lei também se refere às outras quatro nações (1 Rs. 11.1, 2), de modo que ela deve ser entendida, de modo geral, contra confederações com idólatras e aqueles que pertencem à uma falsa religião. E a razão da Lei é moral e perpétua, *a saber*, quanto ao perigo de enredar o povo de Deus. Portanto, os israelitas foram proibidos de estabelecer pactos com os deuses de outros povos ou diretamente com eles mesmos, pois uma conjunção de conselhos e conversas familiares (as quais são consequências de um pacto) conduzem, no fim, à uma comunhão na religião.

---

2 - *Veja* Victor. *Srileg*. in 7. paralip. 25.2. Também Zepperus, Pelargus, Tarnovius, ubi supra. Lavater in 2 Paralip. 25 e em Ez. 16.26. P. Martyr Loc. Com Clas.4.cap.16. *Nm*. 2(3?); e comente em 1 Rg. 15.17, etc. O mesmo é sustentado por Tostatus em 3. Reg. 15. *Pergunta* 24, faz uma lápide em 3 Reg. 22.3.

2) Dos exemplos proibidos e condenados, como o pacto de *Asa* com *Ben-Hadade* (2 Cr. 16.1-10), e o pacto de *Acaz* com o rei da *Assíria* (2 Rs. 16.7, 10; 2 Cr. 28.16-23). Se for objetado que estes são somente exemplos de pactos com pagãos idólatras, e que não há razão similar para condenar as confederações e associações com os homens ímpios da mesma religião, eu respondo:

I. Isso nos dá *a fortiori*<sup>3</sup> contra as confederações com aqueles que são da semente de *Jacó* e que rejeitaram a verdadeira religião. Como *Grócio* observa<sup>4</sup>, Deus teria tais homens como ainda mais abomináveis do que os pagãos, e os tomaria para serem destruídos entre o Seu povo (Dt. 13.13).

II. Além disso, acrescento que nós temos, também em outros versículos, exemplos que se encaixam com este mesmo caso. As confederações de *Jeosafá* com *Acabe* (2 Cr. 18.3 com 19.2) e, posteriormente, com *Acazias* (2 Cr. 20.35) são condenadas, o que fez com que *Jeosafá* (embora já tivesse caído nesse pecado) viesse, depois disso, a consertar seu erro, pois ele não se juntou novamente com *Acazias*, quando ele buscou tal associação pela segunda vez (1 Rs. 22.49). Da mesma forma, *Amazias*, tendo se associado em uma expedição com os *israelitas*, enquanto Deus não estava mais com eles, e ainda sob a admoestação do profeta, se desassociou deles e assumiu o risco da ira deles (2 Cr. 2.5, 7-10). *Lavater*, sobre a passagem, aplicando este exemplo, observa-o como uma das causas de porquê as guerras cristãs contra os *turcos* tiveram tão pouco sucesso. Ele nos chama a considerar quais soldados foram empregados, para então se fazer perceber que esse é o fruto das associações com os ímpios.

3 - N.T: Leia-se: “Isso fortalece o nosso argumento contra, etc.”

4 - De jure belli & pacis, lib. 2, cap. 15, n. 9

III. Essas confederações procedem de um perverso coração de incredulidade, como é manifestado pelas razões que são trazidas contra a associação de *Acaz* com *Ben-Hadade* (2 Cr. 16.7-9) e, por isso, é dito contra a confederação deste com o Rei da *Assíria* (Is. 8.12, 13); como *Calvino* observa sobre essa passagem, os incrédulos entre o povo, considerando a sua própria incapacidade para gerenciar tão grande guerra, pensaram ser necessário ter uma confederação com os *Assírios*; mas isso veio de um temor incrédulo, da falta de fé de permanecer firme e descansar em Deus, como *Todo-Suficiente*.

IV. Se nós devemos evitar a comunhão e conversação com os filhos de *Belial* (exceto onde os laços ou as necessidades naturais de um chamado nos vinculam a isso - Sl. 6.8; Pv. 9.6 e 24.1; 2 Co. 6.14, 15), e se nós devemos ter os inimigos de Deus como os nossos próprios inimigos (Sl. 139.21), como poderíamos, portanto, nos juntar a eles, como confederados e associados? Pois, por meio disso, é que passaremos a ter comunhão com eles e os olharemos como amigos.

Agora, pois, prossigamos aos argumentos que são utilizados para a opinião contrária.

O primeiro é a objeção de que *Abraão* teve uma confederação com *Aner*, *Escol* e *Manre* (Gn. 14.13); *Abraão* com *Abimeleque* (Gn. 21.27, 32) e *Isaque* com *Abimeleque* (Gn. 26); *Jacó* com *Labão* (Gn. 31.44); *Salomão* com *Hirão* (1 Rs. 5.12).

*Resposta:* 1) Não pode ser provado que esses confederados de *Abraão*, *Isaque* e *Salomão* eram idólatras ou ímpios. *Labão*, de fato, era um idólatra. Contudo, existem bons intérpretes que entendem que os três confederados de *Abraão* temiam a Deus, e que *Abimeleque* também temeu a Ele, pois, este último, fala reverentemente de

Deus e atribui a Ele a bênção e a prosperidade daqueles patriarcas. Presume-se também que *Hirão* era um homem piedoso, como se vê em sua epístola a *Salomão* (2 Cr. 2.11, 12).

Contudo, 2) essas confederações eram civis, seja para comércio ou para a paz e segurança mútuas, para que um indivíduo não errasse para com o outro, como aquela com *Labão* (Gn. 31.52) e com *Abimeleque* (Gn. 26.29). Este tipo de confederação, então, não é controversa.

É objetado também que os *macabeus* tiveram um pacto com os *romanos* e *laodicenses* (1 Macabeus 8 e 12.1, 2).

*Resposta:* 1) Este pacto é reprovado por muitos bons escritores; ainda assim, é observado, a partir da História, que eles obtiveram, não melhor, mas pior sucesso, e que se seguiu disso, não apenas um problema menor, mas um maior.

2) A própria História (1 Macabeus 1.12) nos conta que a primeira noção de uma confederação com os pagãos naqueles tempos procedeu dos filhos de Belial vindos de *Israel*.

Por último, pode ser objetado que *Davi* recebeu aquelas pessoas descontentes e endividadas, que se reuniram após ele, e que se tornou o capitão delas (1 Sm. 22.2).

*Resposta:* 1) Alguns pensam (e é provável) que eles foram oprimidos e prejudicados pela tirania de *Saul*, e, portanto, estavam em dívida e descontentes, e que *Davi*, ao recebê-los, foi um tipo de Cristo, que é o refúgio para o aflito e que se compadece sentindo as suas enfermidades.

2) Quem quer que eles fossem, *Davi* se atentava para que nenhum profano, nem pessoas ímpias, estivessem em sua companhia Sl. 101 e Sl. 34.11 (o qual fora escrito neste mesmo período, quando ele deixou *Aquis* e se tornou capitão daqueles 400 homens).

Ele disse a eles: “*Vinde, vós crianças, escutai-me; eu vos ensinarei o temor do Senhor*”.

3) Trarei um argumento melhor, a partir do exemplo de *Davi*, contra a união na guerra com aqueles que são conhecidos como malignos e ímpios. Sl. 118.7: “*O Senhor toma meu partido com aqueles que me ajudam; portanto verei o meu desejo sobre os meus inimigos.*” Sl. 54.4: “*O Senhor é com aqueles que apoiam a minha alma.*” Sobre esta última passagem, tanto *Calvino* como *Gesnerus* observam que, embora os ajudadores de *Davi* fossem poucos e fracos, ainda assim, estando Deus neles e com eles, a sua confiança era que eles se provariam mais fortes do que todos os ímpios. Também é declarado que, caso não tivesse percebido que Deus estava com seus ajudadores, conduzindo-os e estimulando-os, este não buscaria por qualquer ajuda deles (1 Cr. 12.7, 8)<sup>5</sup>. Pode ser visto, em 1 Crônicas 12, que os ajudadores de *Davi* na guerra eram sinceros, cordiais e avivados por Deus, onde *Davi* se juntou com *fidos homines qui idem cum eo sentirent* - homens fiéis - com a mesma disposição dele, diz *Lavater* sobre esta passagem. Ele adiciona que eles odiavam a impiedade e a injustiça de *Saul*, bem como amavam a virtude de *Davi*. *Vict. Strigelius* os chama de *fideles amicos, amigos fiéis*. O próprio texto nos diz que muitos deles se juntaram a *Davi*, enquanto ele ainda estava na aflição e enclausurado em *Ziclague* (v.1; o que foi um argumento de sinceridade); também que alguns de *Benjamim* (a própria tribo de *Saul*) se juntaram a *Davi*, e o Espírito veio sobre *Amasai*, aquele que, por meio de um instinto divino especial, falou para assegurar a *Davi* quanto à sinceridade deles

5 - Original: “Upon this last place, both *Calvin* and *Gesnerus* observe, that although *David's* helpers were few and weak, yet God being in them, and with them, his confidence was that they should prove stronger then all the wicked; he intimateth also, that if he had not known that God was with his helpers, leading and inspitng them, he had looked for no help by them: 2 *Chron.* 25.7, 8”.

(v. 2-16, 18). Aqueles que também se ajuntaram com *Davi*, após a morte de *Saul* (v. 23), não eram de coração dobre, mas de um coração perfeito (v. 33-38), e todos eles concordaram que o primeiro negócio que fariam seria religioso, a saber trazer de volta a arca da aliança (1 Cr. 13.3, 4).

Este ponto sobre a ilicitude das confederações com homens de uma falsa religião é estranhamente mal aplicado pelos *luteranos* contra as confederações conosco, aqueles que nos chamam de *calvinistas* (assim argumenta *Tarnovius Tract. de Faederib*). Porém, podemos fazer um uso muito bom disso, pois, assim como nós devemos orar e nos empenhar para que todos que são de Cristo possam ser feitos um Nele, da mesma forma nós devemos orar contra e, por todos os meios, evitar comunhão, familiaridade, casamentos e confederações militares com pessoas reconhecidamente ímpias ou com aqueles que são de uma religião falsa ou herética. Eu irei expandir esse assunto em cinco particulares, nos quais Deus proíbe ao Seu povo em referência aos *cananeus* e outros pagãos, povo que também (parte pela paridade da razão, parte pela conclusão mais firme) militarão contra as confederações e conjunções com aqueles que estão sob a profissão da religião cristã, mas mantêm heresias e erros perigosos, ou vivem uma vida profana e ímpia.

1. Primeiro, Deus proíbe todos os pactos religiosos com estes e não suportará a tolerância do Seu povo quanto aos deuses, imagens, altares, ou bosques dos idólatras (Êx. 23.32 e 34.13; Dt. 7.5; Jz. 2.2). E, embora a letra da Lei mencione isso em referência aos *cananeus*, ainda assim, os melhores reis reformadores de *Judá* aplicaram e executaram essa Lei ao remover os bosques e os altos abusados pelos *judeus* em sua superstição. E deveríamos nos maravilhar, pois, se aquelas coisas não devem ser toleradas nos

*cananeus*, muito menos devem ser toleradas nos *judeus*. *Theodosius* foi recomendado porque suprimiu e puniu os hereges<sup>6</sup>.

2. Deus proíbe conversa familiar com estes pagãos, para que eles não habitem juntamente com o Seu povo; mais do que isso, nem na mesma porção de terra com eles (Êx. 23.33), para que qualquer um deles, tornando-se familiar com um *israelita*, não pudesse chamá-lo para uma festa, fazendo-o comer coisas sacrificadas aos ídolos (Êx. 3.15). Ora, o Apóstolo coloca ainda mais restrição sobre nós quanto a conversar, comer e beber com um cristão escandaloso (1 Co. 5.11), do que com um pagão ou descrente (1 Co. 1.27). Há um tipo de conversa e companhia com as pessoas ímpias, as quais são a nossa aflição e não a nossa culpa, como ocorre quando não podemos nos afastar delas, fazendo aquilo que podemos fazer (1 Co. 5.10), sendo este um argumento válido contra a separação e o afastamento de uma verdadeira igreja quanto às pessoas escandalosas dentro dela. O Apóstolo dá esse “check” a estes. Vão aonde desejarem e vocês encontrarão pessoas escandalosas sobre todo o mundo! Novamente, há um tipo de conversa e companhia com pessoas ímpias que são de laços civis e naturais, ou de relações próximas, ou o nosso chamado nos obriga a isso, assim como há entre marido e mulher, pais e filhos, Pastor e povo, magistrado e aqueles que estão abaixo dele. Contudo, conversar e ter comunhão intencional e voluntária, seja com pessoas heréticas ou profanas, que isso venha do nosso amor por eles ou deleite neles, ou pelo nosso próprio interesse ou algum benefício terreno, isso é certamente pecaminoso e inescusável. Se nós cuidamos da nossa segurança física, fugindo da companhia daqueles que possuem uma pestilência, sim, se cuidamos da segurança dos nossos animais e

---

6 - Socral. hist. lib. 5. Cap. 10

não suportaríamos tomar conhecimento de que uma ovelha com sarna ou com algo apodrecido infectou o restante, então não deveríamos cuidar muito mais das nossas próprias almas e do nosso próximo, evitando e avisando a outros para evitarem a comunhão com o ímpio, através da qual a infecção espiritual vem? Lembre-se, foi apenas uma visita gentil de *Jeosafá* a *Acabe* que fez com que ele entrasse em uma confederação com aquele homem ímpio (2 Cr. 18.2, 3).

3. Deus proíbe pactos conjugais ou casamentos com tais (Êx. 34.16). A regra é a mesma contra corresponder-se com outras pessoas ímpias, sejam idólatras ou aqueles que professam a mesma religião que nós. Nós não lemos sobre idolatria ou qualquer diferença doutrinária entre a posteridade de *Sete* e a posteridade de *Caim*; ainda assim, a junção dos filhos de Deus em casamento com o profano foi a grande coisa que corrompeu o mundo antigo e trouxe sobre este o dilúvio (Gn. 6.1-3). *Jeorão* não se casou com uma pagã, mas com a filha de *Acabe*; contudo, é observado que ele fez o que era mau, assim como o fez a casa de *Acabe*. E qual foi a razão dada para isso? *Porque a filha de Acabe era sua esposa* (2 Rs. 8.18); e mais adiante o mesmo é observado quanto a *Acazias*, o filho de *Jeorão*, que *fez o mal à vista do Senhor, como fez a casa de Acabe, pois ele era o genro da casa de Acabe* (v. 27). O Apóstolo *Pedro* diz que os cristãos devem se casar com aquelas que são *co-erdeiras da graça da vida* (1 Pe. 3.7; veja também Pv. 31.30).

4. Deus proíbe Seu povo de fazer com os cananeus um *faedus deditiouis* ou *subactionis*, ou (como outros dizem) *pactum liberatorium*; Ele não quer que Seu povo mostre qualquer misericórdia àqueles que foram destinados para a destruição (Dt. 7.2). Nisso pecou *Acabe*, fazendo um pacto fraternal de amizade com



*Ben-Hadade*, quando Deus já o havia entregue em suas mãos (1 Rs. 20.32-34). Dessa forma, em todas as comunidades cristãs, o magistrado, o vice-regente de Deus, deve cortar fora aqueles que praticam o mal, assim como a Palavra de Deus diz que o tal deve ser cortado do meio. *Davi* ter poupado *Joabe* e *Simei*, sendo isso em parte necessário, em parte induzido por razões políticas (do que ele se arrependeu, quando estava prestes a morrer, e nem poderia a sua consciência estar leve até que ele deixasse uma incumbência sobre *Salomão* para executar a justiça sobre *Joabe* e *Simei*; 1 Rs. 2.5, 6, 8, 9), não são bons precedentes ou garantias aos magistrados cristãos para que negligenciem a execução da justiça. Este é um precedente melhor, o qual *Davi* resolve mais deliberadamente: *Cedo irei destruir todos os ímpios da terra, cortarei todos os ímpios da cidade do Senhor* (Sl. 101.8). Observe esse “*todos*”, de qual grau ou qualidade for, sem respeito em relação [a posição] das pessoas, e isso “*cedo*” e sem demora. Por último, até mesmo o próprio *Joabe* foi punido por *Davi*, quando foi colocado fora de sua posição e comando (2 Sm. 19.13 e 10.4).

5. A Lei também deve ser aplicada contra pactos civis, não os de paz ou de comércio, e sim os de guerra; isto é, uma aliança ofensiva e defensiva, na qual nos associamos com idólatras, infiéis, hereges, ou quaisquer outros inimigos conhecidos da verdade ou piedade, de modo a ter os mesmos amigos ou inimigos. Um pacto de paz ou comércio com estes pode ser ilícito em relação a algumas circunstâncias (como quando a paz é dada aos rebeldes, assassinos, incendiários do reino, os quais devem ser destruídos pela mão da justiça, segundo a Lei de Deus), ou quando o comércio com idólatras é abusado (como supri-los com coisas que se sabe que utilizarão em sua idolatria. Porém, quanto a *συμμαχία*, uma

confederação que nos engaja em uma guerra com tais associados, é absolutamente, e em sua própria natureza, ilícita; e eu encontro isso sendo condenado por bons escritores, tanto da parte dos papistas como da parte dos *luteranos* e da parte dos ortodoxos (alguns destes foram citados anteriormente). Que Deus exigia santidade aos exércitos de *Israel*, veja Dt. 23.9, 11-14. Podemos bem argumentar, como *Isidorus Pelusiota* comentou<sup>7</sup>, se a Lei era tão severa contra tais impurezas [dessas relações], ainda que não fossem voluntárias, quanto menos toleraria Deus aqueles que, voluntária e impiamente, mancham a si mesmos? É observado, como uma parte do pecado de *Abimeleque*, que ele contratou *pe-soas vãs e levianas, que o seguiram* (Jz. 9.4). Deus queria que *Amazias* despedisse cem mil homens de *Israel* que já estavam com ele, como um corpo, e diz que ele seria derrubado diante do inimigo, caso estes fossem com ele, pois assim Deus não estaria com eles (2 Cr. 25.7, etc.). Se ele ainda não tivesse se reunido como um corpo, já seria muito abster-se de se reunir com eles pela admoestação dos profetas; porém, é ainda pior, [é dito] para que os mandasse embora, depois de serem um só corpo, e tomar o seu risco de todo sofrimento que muitos destes soldados irritados poderiam causar a ele ou ao seu povo, e, de fato, eles causaram muito sofrimento ao voltarem da guerra (v. 13); ainda assim, Deus recompensou a obediência de *Amazias* com uma grande vitória. Em um período recente, após a reforma na *Alemanha*, esse caso de consciência, concernente à ilicitude de tais confederações, foi muito considerado. A cidade de *Estrasburgo*, em 1529, fez uma aliança ofensiva com *Zurique, Berna, Basil*<sup>8</sup>; *Qui et vicini erant, et dogmate magis conveniebant*, diz *Sleidan*, eles não eram somente vizinhos, mas da

---

7 - Libd. 3, Epist. 14

8 - Sleid. Com., lib.7m p. 106

mesma fé e religião, e, por isso, fizeram uma confederação com eles. Por volta de dois anos após do Eleitor da *Saxônia* ter recusado entrar em confederação com os *helvécios*<sup>9</sup> (pois embora fossem poderosos e pudessem ser de grande ajuda para ele), ainda assim ambos diferiam na religião, no que concerne ao artigo da Ceia do Senhor; portanto, disse que não deveria se juntar com eles como confederados, para que não viessem sobre ele coisas dolorosas, como a Escritura testifica ter acontecido com aqueles que, buscando ajuda ou defesa de outrem, tomaram qualquer assistência que poderiam obter.

A regra era boa *in thesi*, embora fosse aplicada erroneamente naquele caso. Os próprios pagãos têm uma noção da ilicitude das confederações com os homens ímpios, pois, como *Victorinnus Strigelius* destaca, em 2 Crônicas 2.5, a tragédia de *Ésquilo*, intitulada *Sete para Tebas*, onde *Anfiarau*, um homem sábio e virtuoso, foi engolido na terra com sete homens e sete cavalos, pois ele tinha se associado com *Tideu*, *Capaneus*, e outros comandantes ímpios, marchando até o cerco de *Thebe*. Por último, tome essa razão para uma maior confirmação: assim como nós devemos fazer tudo para a glória de Deus, da mesma forma nós não devemos fazer guerras em função de nós mesmos, mas para o Senhor; “*por isso se diz no*

---

9 - Ibid., lib. 8, p. 127: De Helvetiis in faedus recipiendis, quod civitates valde cupiebant, Saxo per Legatos respondet, quoniam de caena Dom. diversum sequantur dogma non sibi licere societatem cum ipsis ullam coire; quanti sit ipsorum conjunctio, propter vires atque potentiam, non se quidem latere, sed eo sibi minime respiciendum esse, ne tristis inde sequatur exitus, quod iss accidisse, Scriptura testatur, qui muniendi sui causa, cujusque modi praesidiis usi fuissent. *Vide etiam*, p.113: Quod si Zuingliani faterentur errorem atque desisterent, comprehendi etiam in hac pac sin minus, tum deserendos, nec auxilii quicquam cis communicandum, neque faedus ullum cum ipsis faciendum esse. *Et infra*, lib. 9, p. 156: Et recipiendos esse placet in hoc faedus (sinalcaldicum) qui velint atque cupiant, mode, Doctrinam Augustae propositam in comitiis profiteantur, et sortem communem subeant.

*livro das guerras do Senhor*” (Nm. 21.14) e “*a batalha não é nossa, mas do Senhor*” (1 Sm. 25.28; 2 Cr. 20.15). Ora, como empregariamos aqueles que odeiam o Senhor para ajudar ao Senhor? Ou como os inimigos da Sua glória lutariam pela Sua glória? Rebeldes e traidores deveriam ser tomados para lutar nas guerras dos reis? Ofereça isso ao teu governador, como é dito em Malaquias 1.8, e veja se ele aceitará.

Quanto às objeções a partir da Escritura, elas foram respondidas acima. Há muitas outras exceções que vêm da razão corrupta dos homens, as quais, ainda assim, podem ser facilmente removidas, caso recebamos a luz da Escritura. Esse próprio caso da confederação de *Jeosafá* com *Acabe* remove muitas delas, pois 1) *Jeosafá* era um bom homem e continuou assim depois daquela associação, não atraído pela idolatria, não infectado pela religião de *Acabe*, mas somente assistindo-o em um assunto civil. 2) *Acabe* viveu na Igreja de *Israel*, o que era ainda uma Igreja, embora grandemente corrompida, e ele não era um inimigo professo de Deus (ele somente tinha professado odiar *Micaías*, o homem de Deus); sim, bem antes disso ele parecia muito penitente; e alguns pensam que *Jeosafá*, naquele momento, julgou caridosamente a *Acabe* por causa da grande humilhação e arrependimento dele, o que Deus aceitou, de modo a recompensar isso com uma misericórdia de livramento temporal (1 Rs. 21 até o fim). Então, segue-se imediatamente, no capítulo 22, a associação de *Jeosafá* com ele. Embora *Jeosafá* estivesse associado também em afinidade com *Acabe*, estando a filha de *Acabe* casada com seu filho. 3) O inimigo era o Rei da *Síria*, e *Jeosafá* não se juntou com um homem ímpio contra qualquer um do povo de Deus, mas contra os *Sírios* infiéis; assim como *Amazias* começou a se juntar com aquelas dez tribos contra os *Edomitas*.

4) A causa parece ter sido boa, como observa *Carthusian* em *1 Reis* 22.3 e *Lavater* em *2 Crônicas* 19.2, pois *Ramote Gileade* era uma cidade de refúgio, pertencente aos *levitas* da tribo de *Gade*, e teria sido restaurada pelo rei da *Síria* a *Acabe*, conforme o pacto deles (*1 Rs.* 20.34). *Daneus* traz o mesmo exemplo da ida de *Acabe* contra *Ramote Gileade* para provar que somente é justo fazer guerra contra aqueles que quebraram o pacto conosco. 5) Neste aspecto, o modo como *Jeosafá* procedeu foi piedoso. Ele disse a *Acabe*: “rogo-te que consultes a Palavra do Senhor hoje” [v. 5] e novamente: “não há aqui um profeta do Senhor, além desses” [v. 7]. Ele inquire sobremaneira<sup>10</sup> e busca toda a luz que poderia haver, em ponto de consciência, dos profetas do Senhor, o que torna provável que aqueles 400 profetas não professavam ser ou não eram conhecidos por *Jeosafá* como profetas de *Baal*, mas profetas do Senhor, como pensa *Cajetan*. Por isso eles também respondem no nome do Senhor, “o Senhor entregará” [v. 12]. Não é razoável que *Jeosafá* desejasse consultar os profetas de *Baal*, ou que ele ouvisse a eles mais do que ao profeta do Senhor *Micaías*, ainda que ele tenha falhado extremamente, de modo que tenha também se comprometido com *Acabe*, antes de inquirir na Palavra do Senhor. Contudo, parece que ele, por meio dessa indagação, buscava um meio justo de sair [dessa relação]. 6) O fim de *Jeosafá* era bom. *Martyr*, em *1 Reis* 2.2, crê que *Jeosafá* entrou nessa confederação com *Acabe* para a paz e segurança do seu reino, e para prevenir uma nova guerra entre *Judá* e *Israel*, tal como havia ocorrido entre *Asa*, seu pai, e *Baasa*, o Rei de *Israel*; para cujo fim, como também crê *Carthusian*, na mesma passagem, *Jeosafá* tomou a filha de *Acabe* para seu filho. Não obstante tudo isto, o profeta *Jeú* disse a ele: “Deverias tu ajudar os ímpios, e amar

---

10 - Original: “he enquireth *ultra*”

*aqueles que odeiam o Senhor?” (2 Cr. 19.2). A LXX<sup>11</sup> diz “odiados do Senhor”, que é a mesma coisa. E para que não se pensasse que isso era um assunto venial ou leviano, ele adiciona: “Por isso virá sobre ti grande ira da parte do Senhor”. Portanto, a partir desse exemplo podemos aprender que ainda que nos guardemos imaculados da falsa religião ou dos erros daqueles com quem nos associamos, ainda que os homens ímpios pareçam penitentes como nunca e as nossas relações com eles nunca sejam tão estreitas, ainda que o inimigo comum seja um infiel, ainda que a causa seja tão boa como nunca, ainda que a forma de proceder nunca tenha sido tão piedosa, e com boa finalidade; ainda assim, tudo isso não pode escusar, nem justificar, as confederações e associações com os homens perversos e ímpios. E, se Deus ficou tão irado com *Jeo-safá*, mesmo quando houve tantos motivos para tal, de modo que poderia parecer escusar ou atenuar a sua culpa, sendo este também um pecado por fraqueza somente, e não sem uma relutância de sua consciência, e um conflito do espírito contra a carne (o que *Pareus* bem deduz, a partir do seu desejo de inquirir a Palavra do Senhor, em *1 Reis 2.2*, que ele teria uma ocasião para escapar), quanto mais se irará Deus contra aqueles que fazem isso, com altivez nessa transgressão, lançando a palavra de Deus para trás deles e odiando ter suas vidas reformadas!*

Além disso, é objetado que nós não somos capazes de enfrentar uma grande guerra sozinhos, sem tais confederações e ajuda. O Espírito Santo também respondeu a isso anteriormente, no exemplo da confederação de *Acaz* com o rei da *Assíria*; pois ele tinha uma grande guerra para administrar, tanto contra os *sírios* como contra o rei de *Israel* (2 Rs. 16.7), e também contra os *edomeus* e

---

11 - N.T.: A saber, a septuaginta.

*filisteus* (2 Cr. 28.16-18); ainda assim, embora tivesse muito a ser feito, isso não poderia desculpar a confederação com os *assírios*: ele deveria ter confiado em Deus e não ter se utilizado de meios ilícitos. Deus pode salvar através de poucos, assim como também através de muitos; sim, algumas vezes Deus não julga apropriado salvar por meio de muitos (Jz. 7). A batalha não deveria nos forçar a buscarmos confederações ilícitas, mas, em vez disso, nos livrarmos delas (Êx. 23.22).

Se for dito que é perigoso provocar e inflamar os homens ímpios ao se livrar deles, isso pode ser claramente respondido a partir do exemplo de *Amazias* e os 100.000 homens de *Israel* que estavam com ele, mencionado anteriormente. Se for feita uma objeção além, de que nós devemos ser amáveis e pacientes para com todos, e, em mansidão, instruir aqueles que se opõem (2 Tm. 2.24, 25), eu respondo:

1) Ainda assim, ele [o Ap. Paulo] nos obriga a nos afastarmos do ímpio (2 Tm. 3.5). Devemos instruir, em mansidão, até mesmo aquele que foi excomungado (2 Ts. 3.15), e, ainda assim, somos avisados para não termos companhia com ele (v. 14).

2) O anjo da Igreja em *Éfeso* foi, uma vez, elogiado tanto pela sua paciência como por não poder suportar aqueles que eram perversos.

Adicionarei cinco distinções que afastarão todas as objeções com as quais já me deparei.

1) Distinguir entre uma confederação que é mais pontual e de distinção clara, de uma confederação que é mais unitiva. E aqui está a razão para que os pactos de paz e de comércio, ainda que com infiéis e ímpios, sejam permitidos, enquanto associações militares com tais são proibidas; pois o primeiro mantém eles e

nós divididos, como dois; o último une eles e nós, como um, e nos junta em um só corpo; por isso *Tucídides* define *συνμαχία* como sendo pactos que fazem com que nós e os nossos confederados tenhamos os mesmos amigos e inimigos, e este é mencionado pelos escritores como tendo um grau além de união do que *σπονδαί* ou pactos de paz.

2) Distinguir entre o esforço do dever e a perfeição da coisa, o que responde àquela exceção: *Óh! Então devemos ter um exército somente de santos* (leia-se, *sem qualquer pessoa reconhecidamente ímpia nele*). Ora, mesmo que seja o nosso dever nos esforçarmos para expurgar a Igreja das pessoas ímpias e escandalosas, ainda que tenhamos feito tudo que podíamos para isso, o campo do Senhor não será perfeitamente expurgado do joio até o fim do mundo (Mt. 13). Da mesma forma, quando nós fizermos tudo que podemos para impedir pessoas ímpias em uma expedição, ainda assim não podemos nos livrar de todos eles; porém, devemos fazer uso do maior de nossos esforços, para que possamos ser capazes de dizer que isso [ter a companhia dos ímpios] é a nossa aflição, não a nossa culpa.

3) Distinguir entre algumas pessoas ímpias em particular que se misturam conosco aqui e ali e uma facção ímpia ou partido maligno. O primeiro deve ser evitado o máximo possível, mas ainda mais uma conjunção com uma facção ímpia. *Davi* não iria, por qualquer meio, se encontrar e consultar com a *Kahal Meregnim*, a Assembléia dos Malignos; nem ele apenas evitaria encontrar-se e consultar-se com *peessoas vãs*, aqueles que abertamente se manifestam e se revelam [desse modo], mas até mesmo *com os dissimulados*, ou (como os caldeus) *com aqueles que se ocultam para fazer o mal* (Sl. 26.4, 6). Podemos saber melhor o que fazer com um campo inteiro



de joio, no qual não há trigo, do que o que podemos fazer com o joio que cresce aqui e ali entre o trigo.

4) Distinguir entre uma comunhão com algumas pessoas ímpias, enquanto for necessária (que é o caso daqueles que são casados, e dos pais e filhos) ou inevitável (o que é o caso daqueles cuja porção é coabitar em uma cidade ou em uma mesma família), em um caso de uma viagem necessária ou navegar juntamente. Eu digo distinguir entre essa e uma comunhão eletiva ou voluntária com os homens ímpios, quando o nosso amor por eles e o nosso próprio benefício nos conduzem a isso. Nós não perderemos os laços naturais, nem estamos exigindo impossibilidades, mas que nos guardemos puros, não escolhendo ou consentindo com tal comunhão.

5) Distinguir entre infiéis, hereges e ímpios arrependidos daqueles que permanecem em sua transgressão. O que quer que o homem tenha sido, assim que ele mostrar sinais de arrependimento e novos frutos, devemos prontamente recebê-los, em favor e comunhão. Aí, de fato, o lobo habitará com o cordeiro, e a vaca e o urso se alimentarão juntos, seus filhotes andarão juntamente, significando que eram lobos, leopardos, ursos, e agora tiveram a natureza deles mudada. Por outro lado, não é assim com o obstinado, contumaz e impenitente que permanece um lobo, etc.

Agora, 1) examinemos em nós mesmos se há tanto desejo de consciência em nós para nos aproximarmos dessas verdades da Escritura, ou se nós permanecemos em um caminho de nos consultarmos com a carne e com o sangue. 2) Sejamos humildes pelos nossos extravios e falhas anteriores nestes particulares, e por não andarmos acuradamente segundo essas regras da Escritura. 3) Sejamos cuidadosos quanto ao futuro. Nos lembremos e

apliquemos essas regras, enquanto ainda podemos praticá-las. E, para que eu possa fixar isso à mente, adiciono (além do que já foi dito antes) as seguintes razões e motivos:

Primeiro, é um grandioso julgamento quando Deus *infunde um espírito perverso* no meio do povo (Is. 19.14). Então, faremos daquilo que a Palavra menciona como um julgamento terrível um ato voluntário em nós mesmos? Junto com este julgamento espiritual é adicionado um julgamento temporal muitas vezes, como se vê em 2 Cr. 16.9 e 20.37 e 28.22, assim como em Os. 5.13, 7.8 comparado com Os. 8 e 9, onde o julgamento deles anuncia os seus pecados, como que por um eco. Na última passagem citada, a paráfrase caldéia diz: *“a casa de Israel é entregue nas mãos do povo que eles amaram”*.

Segundo, lembremo-nos o que se seguiu quando o povo de Deus se misturou com os pagãos: *“Misturaram-se aos pagãos, e aprenderam as suas obras”* (Sl. 106.35); *“Efraim se mistura com os povos”* (Os. 7.8), isto é, fazendo confederações com os pagãos (como Lutero expõe a passagem) e buscando a ajuda e a assistência deles (Os. 5.13). Contudo, o que se segue? *“Efraim é um bolo que não foi virado”*, quente e queimado na parte de baixo, mas frio e cru na parte superior. Isso provará que o fruto de tais confederações e associações nos torna zelosos por algumas questões terrenas e humanas, mas desleixados e frios naquilo que é relativo a Cristo, sendo muito quente em nossa parte inferior, e muito cru na parte superior; ao passo que nós deveríamos ser, pela misericórdia de Deus, como um bolo virado, não nos misturando com o ímpio, de modo que o calor e o zelo que estava antes em direção à parte inferior esteja agora em direção à parte superior, em direção à parte celestial, em direção a Deus. Lembre-se também de como

*Acaz* (2 Rs. 16.10) e o próprio *Asa* (2 Cr. 16.10; embora sendo um bom homem) caíram em outros grandes pecados, na ocasião destas associações com os inimigos de Deus e de Seu povo; este pecado certamente conduzirá os homens a outros pecados. É corretamente dito por *Calvino*, em Ez. 16.26, que, assim como nós somos mui propensos à impiedade, do mesmo modo, quando entramos em confederações com homens ímpios, nós estamos buscando apenas novas tentações, e, por assim dizer, um grito pelo liberar de nossas próprias corrupções. Como o vinho que perde sua essência alcoólica sendo misturado com a água, e igualmente o branco que perde tanto da sua brancura ao ser misturado com o preto, da mesma maneira, o povo de Deus, uma vez misturado com os inimigos ímpios, certamente perderá sua pureza e integridade.

Terceiro, assim como essas confederações ilícitas nos arrastam tanto a grandes julgamentos como a grandes pecados, assim também o fazem a grande despreocupação e ignorância sob estas grandes pragas e pecados, que tornarão o estado dos tais ainda piores (Os. 7.9). Depois que Efraim se misturou entre o povo, é adicionado que *“estrangeiros devoraram a sua força, e ele não o sabe; sim, cabelos cinzas se espalham sobre ele, mas ele não o sabe”*. Apesar de seus confederados o terem afligido, não o fortalecendo-o, e adicionado a isso a observação nele diversos sinais de uma condição de morte decadente, ainda assim ele não percebeu isso, tampouco tomou isso ao coração. O mesmo é insistido no verso 11: *“Efraim também como uma pomba tola, sem coração; eles invocam o Egito, e vão para a Assíria”*. Ele é como alguém vazio de entendimento, assim como uma pomba tola, cujo ninho é espoliado e *“seus jovens são retirados dela”* (o que a paráfrase caldéia adiciona para a causa da explicação), e ainda assim ela ainda retorna aos lugares onde foi

espoliada e entre aqueles através dos quais isso aconteceu; assim também Israel ainda se mistura com aqueles que lhe causaram grande dor.

Quarto, vemos que tais confederações e associações, seja com pessoas idólatras ou com os reconhecidamente ímpios, raramente ou nunca são registradas no Livro de Deus sem uma reprovação ou alguma grandiosa observação do desprazer de Deus sobre elas. Se isso fosse como a poligamia dos patriarcas, que é muitas vezes mencionada e não reprovada, seria menos espantoso ouvir algo sendo tão debatido. Mas agora, quando Deus tem intencionalmente colocado tantos faróis sobre estas rochas e perigos ocultos<sup>12</sup> para que possamos ter o devido cuidado, oh! Por que seríamos tão insanos para, ainda assim, correremos em direção a eles? Isso foi reprovado no período de juízes (Jz. 2.1-3). Foram reprovados no período dos Reis o pacto de *Acabe* com *Ben-Hadade*, o pacto de *Asa* com *Ben-Hadade*, a confederação de *Acaz* com os *assírios*; a associação de *Jeosafá*, primeiro com *Acabe*, depois com *Acazias*; e a associação de *Amazias* com aqueles 100.000 homens de *Efraim*, enquanto Deus não estava com eles; todos estes foram claramente reprovados e condenados. Além disso, aquela reprovação de *Jeremias* 2.18, que diz: “E agora o que tu tens para fazer no caminho do Egito, para beberes as águas de Sior? Ou o que tens tu para fazer no caminho da Assíria, para beberes as águas do rio?”; a versão caldéia coloca assim: “por que tens te associado com Faraó, Rei do Egito; e por que tens feito um pacto com o Assírio?”. Depois do cativo, em *Esdras* 9, a mistura dos *judeus* com os pagãos é novamente lamentada.

Quinto, as grandes e preciosas promessas de Deus podem nos encorajar de tal forma que nunca venhamos a propor ao ímpio

---

12 - N.T.: O original “shelf” significa “banco de areia” ou “pedaço de gelo”, que fica submerso na água (o que faz necessário um sinal de alerta no mar para o navio não bater).

*uma confederação*, pois, sob a condição de evitarmos tais confederações e conjunções, Deus promete nunca quebrar Seu Pacto para conosco (Jz. 2.1, 2) e a nos receber como Seus filhos e filhas (2 Co. 6.14, 16-18).

Sexto, essa é uma das grandes misericórdias de Deus, a qual Ele pactuou e prometeu: “*Eu purgarei dentre vós os rebeldes, e aqueles que transgridem contra mim*” (Ez. 20.38). Por que, então, esqueceríamos a própria misericórdia que nos pertence e desprezaríamos o conselho de Deus contra a nossas próprias almas?

Sétimo, assim como foi na experiência de *Asa* (2 Cr. 16.7, 8), assim também tem sido na nossa própria. Deus tem exercido a Sua grandiosa misericórdia por nós, quando não estamos mais misturados com tais homens.

Há uma outra objeção que tenho encontrado enquanto escrevo: ela é a confederação e associação de *Davi* tanto com *Abner* (2 Sm. 3.12, 13) quanto com *Amasa* (2 Sm. 19.13), com os quais concordou em fazer deles generais de seu exército (2 Sm. 29.4), apesar de ambos terem sido anteriormente inimigos de *Davi* e de terem estendido os braços contra ele, sendo *Abner* também um escandaloso, tanto por causa da sua prostituição (2 Sm. 3.7) como por sua traição contra *Isbosete* em aspirar pela coroa (o que é deduzido a partir da sua ida até a concubina de *Saul*, como *Absalão* fez depois em relação a *Davi*), de fato, por meio disso ele estendeu os braços contra *Davi*, enquanto ele sabia que Deus havia jurado tornar *Davi* um rei, e assim agindo também contra a luz da sua própria consciência (2 Sm. 3.9, 18).

*Resposta:* 1) *Pedro Mártir*, comentando estas passagens, desaprova a prática de *Davi* em ambos os casos, especialmente a aliança de *Davi* com *Abner*. Deveríamos seguir estes dois exemplos, não

sendo eles aprovados ou recomendados pela Escritura? Ou não deveríamos evitar tais confederações, por causa de muitos exemplos que são claramente condenados pela Palavra de Deus?

2) O que quer que possa ser concebido como aprovado ou desculpável nestes exemplos de *Davi*, ainda assim não podem ser aplicados, exceto em casos similares. Quando *Davi* pactuou com *Abner*, ele era apenas o rei de *Judá*: *Abner* tentou trazer todo o *Israel* a ele, para que o tornassem rei sobre todas as tribos, enquanto não havia, aparentemente, outra forma de *Davi* dominar sobre todas as outras tribos a não ser por uma guerra longa e sangrenta. Novamente, quando *Davi* pactuou e capitulou com *Amasa*, ele era um fugitivo da terra por causa de *Absalão* (2 Sm. 19.9) e foi forçado a permanecer na terra de *Gileade*, além do *Jordão*, temendo também (como os intérpretes observam) que os homens de *Judá*, tendo fortalecido *Jerusalém* e a guardando com uma tropa dada a *Absalão*, favorecendo a assistência de *Absalão* contra *Davi*, aumentaram em desespero na resistência contra ele, não esperando por qualquer misericórdia de sua parte; assim, ele se contentou em tornar *Amasa* o general de seu exército, sob a condição de que ele faria com que os homens de *Judá* trouxessem-no novamente até *Jerusalém*, o que *Amasa* fez com que os homens de *Judá* cumprissem seu intento (2 Sm. 19.14), pois isso foi feito somente pela sua autoridade (como *Josefo* também escreve), e jamais poderia ser feito sem a sua autoridade, pois estando já mortos *Absalão* e *Aitofel*, *Amasa* tinha todo o poder e autoridade única sobre aquele exército e sobre toda aquela facção que seguiu a *Absalão*. Que gora, então, aqueles que pleiteam pela licitude das confederações com pessoas ímpias, a partir destes exemplos de *Davi*, primeiro, tornem o caso similar, isto é, que somente o ímpio tenha poder de um exército e de uma

grande parte do corpo do reino para fazer com que continuem em rebelião e inimizade ou para fazê-los vir e se submeterem. Em seguida, que seja lembrado que tanto *Abner* como *Amasa* fizeram um grande serviço (dentre os mais louváveis nas mãos dos homens) para o bem, paz e segurança do rei e do reino, e eles fizeram isso também no período em que *Davi* era apenas alguém vulnerável e tinham poder suficiente para manter uma prolongada guerra contra ele. O que é um caso muito raro e muito diferente do caso daqueles que têm feito e estão fazendo tudo que podem para perverter e induzir milhares do povo de Deus ao erro, em vez de limitar milhares à obediência, como *Abner* e *Amasa* fizeram.

3) Há algumas outras respostas apropriadas para um caso e outro. Não há nada no texto que possa provar que *Davi* fez tal pacto com *Abner*, como os gregos chamam de *συνμαχία*; ou que ele pactuou em tornar *Abner* general de seu exército (como posteriormente ele pactuou com *Amasa*), pois, naquele momento, ele não tinha qualquer resquício de razão para remover *Joabe* de sua posição, como ele o fez depois. Portanto, eu entendo, juntamente com *Sanctus*, que a aliança que *Abner* buscou com *Davi* era *Faedis pacis*: um acordo de paz. *Jerônimo* lê, *fac mecum amicitias, faça amizade comigo*, pois antes eles foram inimigos, de modo que essa aliança não é daquele tipo principalmente controverso. Quanto a *Amasa*, não vou além (como alguns têm feito<sup>13</sup>), de modo a escusar ou atenuar a sua falta em se ajuntar a *Absalão*, pelo fato de que não parece que veio de qualquer intenção maliciosa ou ímpia sua contra o seu tio *Davi*. Porém, há alguma probabilidade que *Amasa* era um homem penitente e esperançoso. Certamente *Davi* tinha melhores esperanças nele do que em *Joabe*; e, se for verdade

---

13 - Tostatus in 2 Reg. 17. Quaest. 24.

aquilo que *Josefo* escreve<sup>14</sup>, que, antes de *Davi* enviar *Zadoque* e *Abiatar* aos homens de *Judá* e a *Amasa*, mensagens frequentes vieram deles até o rei, desejando serem recebidos em seu favor; apesar disso, *Amasa*, estando desejoso e pronto para fazer tanto por *Davi*, enquanto ele poderia ter feito tanto contra ele, *Davi*, visto que não poderia executar este negócio sem ele, tinha assim algum fundamento para esperar dele o bem, considerando que *Amasa* não estava, neste assunto, em qualquer ofensa ou desprazer pela outra parte, como *Abner* estava.

4) Assim como este exemplo, a remoção de *Joabe* e a não preferência de seu irmão *Abisai* em seu lugar (ambos sendo culpados pelo sangue de *Abner* - 2 Sm. 3.30 - e ambos sendo duros demais com *Davi*) ajuda a fortalecer aquilo pelo que tenho pleiteado.

Estando este ponto até agora tão plenamente esclarecido a partir da Escritura, não há a menor razão para argumentar contrariamente a partir dos exemplos humanos nos estados e comunidades cristãs<sup>15</sup>. A Palavra de Deus não deve se curvar aos hábitos humanos, mas estes sim devem fazê-lo. Todavia, até mesmo entre aqueles cujo exemplo é alegado para favorecer a opinião contrária, não faltam exemplos de cautela e conscienciosidade na escolha e rejeição de confederados, a saber, entre os *helvéticos* ou *suíços*. Aqueles de *Zurique* e *Berne*, quando foram reformados, renunciaram sua aliança de assisti-lo em suas guerras feita anteriormente com o rei da *França*, e resolveram somente guardar a paz com ele; porém, não continuariam com a aliança de *συμμαχία* ou de se ajuntar com ele em suas guerras. E todas aquelas antigas alianças, por volta de 300 anos atrás<sup>16</sup>, as quais obrigavam mutuamente os

---

14 - Antiq. Eb. 7. Cap. 10.

15 - Veja Sr. Fox: Acts and Monuments, vol. ii. p. 86; ix.870; edição 1849

16 - Veja o Estates Principalities and Empires of the world, traduzido por *Grimston*,



cantões um para com o outro por ajuda e socorro, e por defesa comum da região deles, e por preservação dos seus direitos e liberdades particulares, e por um meio de decidir controvérsias e disputas entre homens de um e de outro cantão (alianças as quais são registradas por aqueles que escreviam naquela comunidade), ainda assim, após a reforma da religião, houve tanto zelo em ambos os lados que isso cresceu até virar uma guerra entre os cantões papistas e protestantes, na qual, enquanto o lado papista se fortalecia por uma confederação com *Ferdinando*, o irmão do imperador, do mesmo modo, o lado protestante, *Zurique*, *Berne* e *Basiléia*, entraram em uma confederação, primeiro com a cidade de *Estrasburgo*, e, logo depois, com o *Landgraviato* de *Hesse*, para que eles pudessem ser fortalecidos e ajudados contra os cantões papistas<sup>17</sup>. As diferenças na religião fizeram com que eles escolhessem outros confederados. Apesar disso, eu posso facilmente admitir aquilo que *Lavater* criteriosamente observa em *Ezequiel* 16.26-29, que os pactos feitos antes da verdadeira religião brilhar entre um povo não devem ser precipitadamente quebrados; assim como o marido crente não deve colocar para fora a mulher descrente com quem ele se casou, quando ele mesmo também era um descrente, caso ela voluntariamente ainda queira permanecer com ele. O que quer que seja dito de tais pactos, ainda assim as confederações feitas após a luz da reforma com os inimigos da verdadeira religião são juntamente inescusáveis.

Alguém ainda pode ter outra objeção: “é uma fala dura”, dizem muitos malignos, “que devemos ser olhados como inimigos, se não assumirmos e sustentarmos o Pacto, e que mesmo que assumamos e sustentemos o Pacto, ainda seremos estimados como inimigos da causa de Deus e de Seus servos”.

---

pg. 364 até 370

17 - Acts and monuments ubi supra, pg. 872. Sleid. Com., lib. 7, p. 106, 110, 120

*Resposta:* Isso é somente para aqueles que são traidores, violadores do Pacto, e outras pessoas escandalosas, dos quais o Apóstolo nos obriga a nos afastarmos (2 Tm. 3.5), sendo reprovados. Se não tivermos qualquer forma de piedade, devemos ser vistos como estrangeiros e como aqueles que não devem ser contados entre o povo de Deus. Ainda agora, se já tomamos uma certa forma de piedade, ainda não estamos em melhor estima com *Paulo*: ele ainda desejará que os cristãos se apartem de nós. Certamente, isto é como se houvesse obreiros da iniquidade vivendo na verdadeira igreja e se opondo contra o próprio Cristo. Se não oramos, se não ouvimos a Palavra, então, não devemos ser aceitos, mas rejeitados por negligenciar os deveres necessários; ainda que já tenhamos orado e ouvido a Palavra, somos informados a respeito de tudo isso: *“apartai-vos de mim, vós trabalhadores da iniquidade, eu nunca vos conheci”* [Mt. 7.23]. Os homens devem ser julgados conforme seus frutos, conforme suas palavras e suas obras, e curso de vida; e, se quaisquer dos que já tenha tomado o Pacto se manifestem, em suas palavras e ações, como ainda sendo inimigos ímpios, os nossos olhos não devem aprovar que tomem o Pacto em suas mãos.

Se algum insatisfeito ainda insistir e disser: *“Porém, por que, então, somos ambos recebidos no Pacto e nos sacramentos? Ou melhor, por que nós somos forçados e compelidos ao Pacto juntamente?”*

*Resposta:* 1) Se qualquer um que seja reconhecidamente maligno, ou companheiro de rebeldes ou de inimigos dessa causa [a causa de Cristo], for recebido no Pacto ou no sacramento sem sinais de arrependimento por sua malignidade e escândalo anteriores (digo, sinais de arrependimento tais que homens, em caridade, devem se satisfazer), então, os ministros e os presbíteros podem bem responder por isso a Deus ou aos Decretos e Constituições dessa

Igreja Nacional. Eu acredito que todos os ministros que são fiéis e conscienciosos têm trabalhado para guardarem-se puros em tais coisas. De fato, a Assembleia Geral tem ordenado que aqueles que estão de acordo com os rebeldes e aqueles que procuram proteção junto ao inimigo, ou mantenham correspondência e comunhão com ele, devem ser suspensos da Ceia do Senhor, até que manifestem seu arrependimento diante da congregação. Agora, se alguém, após os sinais e declaração de arrependimento, retornar aos seus velhos caminhos de malignidade, as suas iniquidades cairão sobre eles mesmos e não sobre nós.

2) Pelo contrário, os homens não são conduzidos ou forçados ao Pacto, mas aos deveres necessários. Isso não deve ser chamado de forçar ou compelir. Os homens são forçados a guardar a vida do seu próximo porque o assassino é severamente punido? Ou os homens são compelidos a serem leais porque os traidores são punidos exemplarmente? Pode e deve haver uma voluntariedade e liberdade em se poder praticar o dever contrário, embora os grandes pecados não devam seguir sem punição. Os homens não são compelidos à virtude porque o vício é punido, senão a virtude não seria virtude. Aqueles que recusam o Pacto, reprovando-o, ou evitando-o, devem ser olhados como inimigos dele, e devem ser tratados como tais; ainda assim, se qualquer homem reconhecidamente tomar o Pacto contra a sua vontade, o tal não deve ser recebido [na congregação].

3) Estes dois pontos podem bem continuar juntos: censurar o desprezo ou a negligência de um dever e também censurar a impiedade na pessoa que aceitou a prática do dever. Se qualquer *israelita* não adorasse ao verdadeiro Deus, ele seria morto (2 Cr. 15.13); mas também se, adorando o verdadeiro Deus, ele fosse

testemunhado como um assassino, um adúltero, e etc., ele também era morto por causa disso. A Assembleia Geral desta Igreja tem apontado que aqueles que, após a admoestação, continuam em negligência frequente da oração e da adoração a Deus em suas famílias, devem ser suspensos da Ceia do Senhor, até que sejam corrigidos. Ainda mais, se qualquer homem for encontrado fazendo do seu culto familiar uma capa para as suas blasfêmias, bebedice, adultério, ou coisa similar, estes pecadores escandalosos não devem ser censurados porque tomaram sobre si uma forma de piedade? Deus proíbe isso! Aqueles que recusam o Pacto e se fecham contra ele devem ser justamente censurados; mas, ao mesmo tempo, se a impiedade e a malignidade forem encontradas em qualquer um que tomou o Pacto, a sua ofensa e a sua censura não deve ser extenuada, mas agravadas.

Eu teria sido bem breve ao tratar dessa questão, caso as novas objeções que chegam aos meus ouvidos não me tivessem forçado a me estender. E, agora, eu encontro mais uma objeção: alguns dizem que os argumentos trazidos antes, a partir da Escritura, não provam a ilicitude das confederações e associações com pessoas idólatras, hereges ou profanas de um mesmo reinado, mas somente com aqueles que são de outro reinado.

*Resposta:* 1) Então, por concessão daqueles que fazem essa objeção, é menos ilícito nos associarmos com qualquer um de outro reinado, o qual seja de uma falsa religião ou possua uma vida ímpia.

2) Se até mesmo é ilícita a comunhão familiar com os ímpios do mesmo reinado, conseqüentemente, uma associação militar com eles também é ilícita; pois ela não poderia ocorrer sem se consultarem mutuamente, fazerem conferência, e conversarem

juntos frequentemente. É um abuso profano e zombaria da Escritura dizer que nós somos proibidos de casarmos com o ímpio de qualquer reinado, mas não com o ímpio do mesmo reinado; pois isso é ampliar um grande portão por um lado, enquanto tapamos uma pequena brecha por outro.

3) Essas associações militares de 2 Crônicas 19.2 e 25.7, 8 não são condenadas pela razão de que os associados eram ímpios, odiadores do Senhor, e porquê Deus não estava com eles? Ora, conseqüentemente, *à quatenus ad omne*<sup>18</sup>. A razão se sustenta igualmente contra as associações com quaisquer que sejam mencionados como ímpios, odiadores do Senhor, e porque Deus não está com eles.

4) Deus queria que o campo de *Israel* estivesse inteiramente santo e limpo (Dt. 23.9-14). Limpo de quem? Ele não fala dessa forma em relação aos pagãos ímpios (não havia muito temor sobre isso), mas dos *israelitas* ímpios.

5) Não diz *Davi*: *Cedo irei destruir todos os ímpios da terra* (Sl. 101.8) e *apartai-vos de mim todos vós trabalhadores da iniquidade* (Sl. 6.8)? Portanto, como poderia se pensar que ele faria quaisquer deles seus aliados e auxiliares na guerra?

Amandus Polanus, comentando em Ezequiel 16.26-28, diz:

*Se a prostituição da igreja, como a idolatria ou falsa doutrina, e as confederações com os ímpios disciplinados não é herética, cismática e oposição ingrata contra a mãe igreja, então, Ezequiel, Jeremias, e outros profetas, sendo contrários a isso, são heréticos, cismáticos e ingratos*<sup>19</sup>.

---

18 - Tradução livre: Algo que se aplica a tudo.

19 - Original: "Qui ecclesiae scortationem, hoc est idolatriam vel falsam doctrinam, et confederationes cum impiis reprehendit, non est hereticus, non est schismaticus, non est ingratus adversus matrem ecclesiam: Alioquin etiam Ezequiel cum Jeremiâ, aliisque prophetis, fuisset hereticus, aut schismaticus, aut ingratus.

## CAPÍTULO II

# AO JUSTO REVERENDO, A Comissão da A S S E M B L E I A G E R A L .

Meu Caro Reverendo e queridos irmãos,

Embora a mão do Senhor me detenha de comparecer aos seus encontros, no entanto, enquanto ainda puder escrever ou falar, não ousarei ficar em silêncio, nem esconderei meus pensamentos sobre qualquer rumo pecaminoso e perigoso quanto aos procedimentos públicos. Portanto, tendo ouvido sobre algumas propostas e começos de complacência com aqueles que têm sido tão profundamente engajados na destrutiva guerra contra a religião e às liberdades dos reinos, nada posso fazer senão aliviar a minha consciência, dando um testemunho contra toda complacência deste tipo. Eu sei e estou persuadido que todas as fiéis testemunhas que dão testemunho à tese de que o recente engajamento foi contrário e destrutivo ao Pacto, também darão testemunho a este apêndice: que a complacência com qualquer um que seja ativo nesse engajamento é mui pecaminosa e ilícita. Não sou capaz de expressar todos os males de tal complacência. Eles são muitos. Estou certo de que isso seja um endurecimento vindo da parte do maligno, uma ferida nos corações dos piedosos; um erro infinito da parte daqueles cuja afeição ao Pacto e à causa de Deus tem retirado suas vidas de suas próprias mãos; um grande escândalo aos nossos irmãos da *Inglaterra*, os que têm sido fortalecidos e encorajados ao

ouvir a respeito do zelo e da integridade da boa influência neste reino, e da forma como eles se opuseram ao último engajamento. Dessa forma, eles provavelmente ficarão muito escandalizados ao ouvir sobre a recente complacência com os malignos. De fato, todo aquele que ouvir sobre isso pode justamente ficar impressionado conosco e olhar para nós como um povo enfeitiçado, pois tomamos em nosso seio as serpentes de fogo que anteriormente nos picava.

Porém, acima disso tudo, o que elevaria esse pecado até mesmo aos céus é que isso não foi somente um horrível passo, mas um retrocesso para o próprio pecado que foi especificamente apontado e punido pela prevalência da parte maligna. Deus justamente transforma em espinhos e flagelos aqueles que foram tidos como amigos, enquanto estes sequer tivessem qualquer real evidência ou frutos de arrependimento. Ai! Nos lançaremos duas vezes sobre a mesma rocha para sermos quebrados? Vamos correr em sua direção, embora Deus tenha colocado um farol sobre ela? Seremos tão dementes ao ponto de voltarmos no mesmo pecado, o qual foi registrado com grandes letras no nosso último julgamento? Sim, posso dizer, iremos assim desdenhar e desafiar o Todo-Poderoso ao protegermos os Seus e os nossos inimigos, enquanto Ele os está perseguindo; ao fazer paz e amizade com eles, enquanto a ira do Senhor está queimando contra eles; ao colocar eles aos pés Dele, enquanto Deus os tem derrubado? Oh! Nem os julgamentos e os livramentos [de Deus] nos torna mais sábios!? Eu devo aqui aplicar à nossa presente condição as palavras de Esdras: *“E depois de tudo o que nos tem sucedido por causa das nossas más obras, e por causa da nossa grande transgressão, vendo que tu, nosso Deus, tens-nos punido menos do que merecem as nossas iniquidades, e tens-nos concedido tamanho livramento como este; deveríamos voltar a violar os*

*teus mandamentos e nos juntarmos em afinidade com os povos destas abominações? Não ficarias tu irado conosco até teres nos consumido, de modo que não haveria remanescente, nem quem escapasse?"* [Ed. 9.13, 14]. Oh! Escócia, serás bem-aventurada, caso se conserte e não abuse dessa oportunidade de ouro. Porém, se ajudares o ímpio e amares aqueles que odeiam ao Senhor, ira sobre ira, e vergonha sobre vergonha cairá sobre ti da parte do Senhor.

Este testemunho de um homem que está morrendo (que espera estar em breve diante do tribunal de Cristo), eu deixo convosco, meus irmãos reverendos, estando confiante a respeito de vocês, por meio do Senhor, de que serão considerados como homens de Deus, e não de outra maneira, movidos com o zelo de Deus; de que voluntariamente aliviarão as suas consciências de qualquer coisa que vejam se levantar contra o Reino do Senhor Jesus. Que isso seja a vossa paz e conforto no final. Agora, que o Deus de toda graça vos estabeleça e direcione, e vos preserve de toda vergonha até ao fim, e traga outros da armadilha que os complacentes anseiam.

Assim ora vosso mais afeiçoado irmão, para servir a vós naquilo que posso no meu fim.

George Gillespie

Kirkcaldie, 08 de Setembro de 1648.





**O Testemunho do Sr. *George Gillespie*  
contra a Associação e Complacência com os  
*inimigos malignos da Verdade e Piedade;*  
Escrito dois dias antes de sua morte.**

Agora, visto que o tempo de minha dissolução aparentemente se aproxima, embora eu tenha declarado em minha carta o que eu penso quanto aos assuntos públicos, ainda assim creio que seja bom escrever mais este testemunho, de que considero a parte maligna nestes reinos como a descendência da serpente, inimigos da piedade, e governo presbiterial (fingindo ser o contrário do que são), uma geração que não tem Deus diante deles. Junto com os malignos devem se ajuntar os profanos e escandalosos, como também as heresias e os erros; e eu creio que o Senhor está prestes a limpar Suas igrejas. Muitas vezes, eu tenho me consolado (e ainda me consolo) com a esperança de que o Senhor limpará essa terra poluída; certamente o Senhor começou e continuará a conduzir essa grande obra de misericórdia, e expurgará os rebeldes. Eu sei que sempre haverá uma mistura de hipócritas, porém, isso não escusa o que é conivente com os pecadores grosseiros e escandalosos. Quanto a essa obra expurgatória que o Senhor está prestes a fazer, muitos têm feito oposição direta e dito, através de seus atos, que nós não seremos expurgados nem refinados, mas que continuaremos juntos e misturados com aqueles contra quem os ministros pregam, sendo estes considerados inimigos malignos de Deus e da Sua causa. Mas deixe aquele que está sujo se sujar ainda mais, e que a Sabedoria seja justificada pelos Seus filhos.

Recomendo a eles que, pelo temor de Deus, com lamento e seriedade, considerem o que a Sagrada Escritura claramente afirma:

1) Que ajudar os inimigos de Deus, ou se ajuntar e se misturar com homens ímpios, é um pecado altamente desagradável.

2) Que esse pecado tem ordinariamente enredado o povo de Deus em diversos outros pecados.

3) Que esse pecado tem sido punido por Deus com graves julgamentos.

4) Que a total destruição deve ser temida, quando um povo, após grandes misericórdias e julgamentos, reincide neste pecado (Ed. 9.13, 14)<sup>20</sup>.

Sobre estes e outros motivos, quanto à minha própria libação, eu digo que uma verdade tão necessária quanto essa não necessita da declaração de uma testemunha de Cristo que está prestes a morrer, sendo também este o mais indigno entre milhares. Que a Luz possa brilhar adiante, e o aviso seja dado.

Eu não posso ficar em silêncio nesse momento; apenas posso falar pela minha caneta, enquanto não consigo pela minha língua. De fato, agora também pela caneta de outro, enquanto eu não posso pela minha própria. Exorto e suplico, seriamente e no nome de Jesus Cristo, a todos que temem a Deus e têm consciência de seus caminhos, a serem muito cautelosos e circunspectos em vigiar e orar, para que estes não sejam enganados naquele grande e perigoso pecado de conjunção e complacência com os inimigos malignos e profanos da Verdade, sob quaisquer considerações prudenciais que possam ser dadas, de modo que, se os homens seguirem e confiarem em Deus em seus próprios caminhos, eles

---

20 - Até aqui, o autor escreve com a sua própria mão, dois dias antes da sua morte; mas, achando-se mais fraco, de modo que ele não era mais capaz de escrever, ele ditou o que se segue.

não somente não se arrependirão disso, como também, para a maior alegria e paz do povo de Deus, eles verão a Sua obra seguir adiante e prosperar gloriosamente.

Em testemunho da promessa, eu subscrevo o presente documento com a minha mão, em Kirkaldy, 15 de Dezembro de 1648, diante destas testemunhas: M. F. Carmichael, ministro em Mar-kinch e M. Alex. Moncrief, Ministro em Scone.



## **Segue-se essa parte do Testamento Particular do *Sr. Gillespie*, sobre a qual o testemunho anterior relata.**

Estando em muita fraqueza e doença, na expectativa de minha última fase, pensei que fosse bom, por meio deste testamento particular escrito pela minha mão, declarar, antes de tudo, que a expectativa da morte, que não parece estar tão longe, não me abalou na fé e na Verdade de Cristo, das quais tenho professado e pregado; tampouco duvido que este Pacto e reforma dos três Reinos, que recebem tanta oposição, vêm da parte de Deus e terão uma feliz conclusão. Aproveu a Deus escolher as coisas tolas deste mundo para confundir as sábias, e as coisas que não são para confundir as coisas que são, de modo a me empregar (o mais inapropriado e indigno entre milhares) no avanço e promoção dessa obra gloriosa; não me arrependo de qualquer antecipação ou zelo que tive nisso, e ousou prometer a todos que forem fiéis e zelosos na causa de Deus, que isso não será para eles qualquer aflição de coração posteriormente, mas motivo de alegria e paz (assim como, neste dia, eu as encontro, através da misericórdia de Deus sobre minhas muitas e grandiosas enfermidades, e aprovando meus pobres esforços em Sua causa). Contudo, se houver um retrocesso ao pecado de complacência com os homens malignos e ímpios, então, eu espero pelo romper da ira do Senhor, até que não haja remédio. Oh! Se houvesse este espírito, ao menos nos tais de nossa nobreza, de modo a permanecerem firmes pela Verdade,

para que possam tomar mais do conselho de Deus e inclinar-se menos à sua própria razão e entendimento. Por outro lado, dos perigos dos sectários, eu tenho sido e sou da opinião de que eles devem ser impedidos e evitados por todos os meios legítimos; mas esses perigos que vêm dos malignos estão mais perto e são maiores neste Reino.

Kircaldie, 01 de Setembro de 1648.

# Sobre Associações Voluntárias

por Martin Bucer

Visto que devemos ser como o nosso Pai celestial e praticar o bem a todos, incluindo os nossos inimigos; e, visto que o justo Deus, Aquele que é o inimigo de grau mais elevado de todos aqueles que são maus, apesar disso, faz o Seu sol brilhar e a Sua chuva cair até mesmo sobre os ímpios, injustos e ingratos (Mt. 5.45), e lhes provê ricamente com sustento físico e tudo que é necessário para essa vida; nós, que somos Seus filhos, devemos também, enquanto vivermos entre os ímpios neste mundo, não reter ou recusar qualquer ato benevolente necessário para o seu bem-estar. Porém, devemos nos distanciar de seus atos impiedosos e, retirando-nos da associação próxima com eles, exibir e demonstrar que somos aqueles aos quais seus atos impiedosos são uma grande ofensa e abominação; e que, portanto, não desejamos nos associar com eles mais do que exigem as suas necessidades, pois eles têm rejeitado assim a comunhão de Cristo. Pois, quando o santo Apóstolo escreve: *não deveis ter qualquer coisa com eles* ou comer com eles [1 Co. 5.11], ele somente deseja proibir a associação no comer ou em outras atividades que são voluntárias, não aquela que é exigida pelas necessidades gerais da natureza, cidadania ou relações domésticas.

Dessa forma, todas as pessoas honrosas abandonarão e evitarão qualquer coisa que se aproxime de uma real amizade com aqueles que maculam o relacionamento com manchas ignominiosas



devido à sua moralidade dissoluta. Contudo, todas as pessoas honrosas e que possuem relações familiares continuarão a ter que lidar, naquelas coisas que são exigidas pela sociedade civil e atos de humanidade em geral, com aqueles que, em outro momento, evitariam, e se juntar a estes naquelas coisas que são exigidas deles pela autoridade, ainda que isso signifique comer com eles ou lidar com eles em outras coisas, construindo, comprando e vendendo, e ajudando-os em caso de necessidade. Porém, além dessas coisas, elas [as pessoas honrosas] não mantêm relações amigáveis com esses ou possuem quaisquer coisas a fazer com eles, evitam a companhia deles, e mostram, em todas as coisas, o desprazer e reprovação de seus caminhos dissolutos e desonrosos. E é assim que os cristãos devem também se comportar com aqueles que foram excluídos da igreja de Deus. E, caso façam isso de tal modo que fielmente providenciem àqueles que foram excluídos com tudo que é exigido pela sociedade civil e pelas necessidades gerais da natureza humana, então, esses excomungados não terão razão para acusar os crentes pelo fato de que nada possuem para fazer com eles naquelas outras coisas que são voluntárias, nas quais ninguém está obrigado ao outro pelas leis civis. Portanto, esse evitar, em si mesmo, não possui outro propósito senão que uma pessoa não cristã seja mais rapidamente envergonhada de si mesma e movida ao arrependimento; pois, em outra forma de viver, eles experimentariam dos crentes toda igualdade, amor e afeição, e isso não ocorre por uma única coisa: porque eles não podem ter qualquer prazer na impiedade deles, mas devem estar cheios de tristeza e aversão, pois o Senhor Cristo é e significa tudo para eles. Dessa maneira, os cristãos não excluem qualquer pessoa, exceto aquelas que desejam persistir em transgredir publicamente

e de forma consciente; por isso, tal exclusão e prevenção não deveria ser considerada, seja por eles mesmos ou por outros, como uma expressão inapropriada de desprezo. E, onde as políticas piedosas são verdadeiramente observadas, em acordo com os estatutos imperiais e a antiga prática cristã, aqueles que foram excomungados pela igreja também serão tratados como merecem na esfera civil. Sendo também excluídos e evitados na sociedade civil devido ao comando das autoridades, eles serão encorajados a emendar seus caminhos; pois os idólatras entre os cristãos devem ser considerados como idólatras.

Se algum crente tem parentes vivendo juntamente, os quais foram excluídos da igreja de Deus, de modo que este tenha uma esposa, pais, filhos ou algum outro parente não cristão, este não consegue evitar os tais no comer, beber, ou outras atividades externas; em vez disso, o esposo cristão deve se portar e mostrar-se à parte não crente de modo amigável em todo o relacionamento do casamento, o qual é o mais elevado de todas as atividades humanas, de modo que será mais provável que ganhe sua esposa não crente ao Senhor (1 Co. 7.13). Todos devem se portar do mesmo modo em suas relações, em todas as várias relações sanguíneas e familiares. Aquilo que Deus juntou nesse e em outros chamados, que o homem não separe.

S. Paulo não diz em relação aos parentes *“não deveis ter qualquer coisa com eles, não deveis comer com eles”*. Ele não queria, dessa maneira, arruinar as relações ordinárias das pessoas, pois os cristãos devem servir e praticar o bem àqueles que também são ímpios. Por isso, assim como ele adverte aos servos a servirem seus senhores fielmente, mesmo que eles não sejam crentes, e àqueles que são casados que devem ser diligentes em serem fiéis

e amorosos no casamento para com a parte descrente, assim também deseja que os filhos, pais e outros relacionados pelo sangue ou casamento se portem um para com o outro, de acordo com a relação deles.

Tudo isso para que os crentes possam demonstrar, de modo cristão e benéfico, sua piedosa denúncia, aversão e preocupação quanto a corrupção dos descrentes, sem causar dano ao chamado de Deus nas relações particulares. Primeiro, dessa maneira, os crentes não estarão associados nos pecados dos descrentes, mas estarão fervorosamente entristecidos por eles. Segundo, pelo contrário, eles se tornarão ainda mais zelosos e sinceros em continuar a praticar aquilo que é justo, e, por meio do seu bom modo de viver, condenarão o modo de viver ímpio dos seus parentes, tornando este modo de viver repugnante a eles. Terceiro, sempre que tiverem a oportunidade, pedirão e admoestarão seus parentes a emendarem suas vidas com grande seriedade, com pedidos e súplicas, até mesmo com lágrimas.

Onde há alguma superioridade [ou autoridade], como do marido sobre a mulher, o pai ou a mãe sobre seus filhos, o senhor sobre seus servos, ou amigos mais velhos sobre os mais novos, os crentes que estão nessa posição de superioridade também demonstrarão sua aversão por essa vida impiedosa sendo menos tolerantes e flexíveis, afastando amizades e prazeres específicos, ou sendo mais severos em todas as coisas, e sendo mais rápidos e mais estritos em impor uma punição<sup>21</sup>. Porém, todas essas coisas

---

21 - **John Brown de Wamphray**, em *Godly Prayer and Its Answers* diz: “E se houver algum membro da família que apenas zomba de modo dissoluto e desordenado, em vez de buscar cuidadosamente quanto ao dever [de orar]?”

**Resposta:** Se essa pessoa desordenada estiver sob a autoridade, como um servo ou filho, eles devem ser colocados em ordem pela autoridade. E o servo que zombar não deveria habitar com a família. O chefe de família deveria utilizar a sua autoridade para manter a sua casa imaculada,

eles aplicarão em um grau que seja benéfico e útil em possibilitar a pessoa ao arrependimento, sem causar dano ao chamado de Deus em seus relacionamentos e, conseqüentemente, tornando ainda pior aquilo que já é mau.

Porém, quanto àqueles que estão em posições subordinadas nesses chamados, tais como esposas, filhos, servos e amigos mais novos, sua agonia com choro, pedindo e suplicando diante de Deus e seus relacionados que estão vivendo em um caminho não cristão, trará amiúde sobre esses relacionados uma mudança notável para melhor quanto ao estado de ruína deles. Dessa maneira, os cristãos sempre serão cuidadosos para que a impiedade não se torne um exemplo ou algo a ser seguido, ou algo menos repugnante, antes [serão cuidadosos] para que ela seja mais e mais aborrecida, evitada e detestada, e, contudo, que nenhuma relação ordenada por Deus seja violada em suas obrigações, ou seja prejudicada de algum modo.

---

segundo o exemplo de Davi (Sl. 101). E o filho deveria ser repreendido. E, caso ele continue rebelde e não possa ser refreado da sua impiedade por meio de tudo aquilo que os pais podem fazer, ele deveria ser entregue nas mãos do magistrado, segundo a lei (Dt. 21.18-21). O dever não pode ser negligenciado por causa disso, visto que ele é um meio para corrigir esses males e trazer a bênção de Deus sobre a família, até mesmo nas coisas espirituais. Se o marido ou a esposa forem culpados neste assunto, garanto que a dificuldade será ainda maior. Porém, ainda há meios apontados pelo Senhor para corrigir isso. Se a disciplina da igreja for devidamente executada sobre a pessoa culpada, depois que todos os meios privados empregados se tornarem em vão, muitos males podem ser remediados nas famílias desordenadas.”

